

## Arquitetura

# Uma bienal para abalar o alicerce da metrópole

Começa hoje a mostra, pensada como fórum de discussão sobre mobilidade

Antonio Gonçalves Filho

O foco da décima edição da Bienal da Arquitetura não é tanto o arquiteto, mas a metrópole, particularmente numa época marcada por violentos protestos e movimentos de ocupação. O título da mostra, *Cidade: Modos de Fazer, Modos de Usar*, sintetiza a proposta dos curadores Guilherme Wisnik, Ana Luísa Nobre e Lígia Nobre, a de instalar a bienal não só num local, como era habitual – no caso, o pavilhão da Bienal, no Ibirapuera –, mas em diversos lugares conectados ao sistema de transporte público, estopim da onda de manifestações que se espalharam pelo País há quatro meses.

Assim, a 10.ª Bienal, que começa hoje e vai discutir o problema das metrópoles, ao contrário das edições anteriores, não se limita a exibir projetos e maquetes, mas faz de prédios públicos e da mobilidade na cidade sua própria vitrine. A Bienal usa edifícios com a assinatura de conhecidos arquitetos, como Oscar Niemeyer (Copan) e Lina Bo Bardi (Masp, Sesc Pompeia), entre outros, mas não há aí nenhuma celebração ufanis-

ta. Os curadores, longe disso, querem convidar o visitante a flunar e observar melhor a cidade, preferencialmente de ônibus ou metrô.

Esse comportamento benjaminiano vai permitir confrontar a metrópole paulistana, hoje marcada por uma espécie de uniformização arquitetônica, com soluções urbanísticas de outros pontos do planeta. Vale até colocar à disposição desse visitante um apartamento em frente ao Minhocão, a fim de que ele possa imaginar o que seria do elevador com nome de ditador (Costa e Silva) caso fosse transformado no High Line da metrópole paulistana – ou seja, um jardim suspenso inspirado na West Side Line de Nova York, ferrovia elevada que virou parque ecológico com quase dois quilômetros.

Uma mostra de arquitetura em que a experiência da própria cidade é a meta principal amplia não só o conceito de exposição – não mais projetos, plantas e maquetes, que podem ser vistas na internet –, como exemplifica a visão dos curadores da cidade ideal. E ela não é a Paris de galerias novecentistas, a cidade



## X BIENAL DE ARQUITETURA.

Centro Cultural São Paulo, Sesc Pompeia, Masp, Museu da Casa Brasileira e outros locais. Abertura hoje. Até 1.º de dezembro.

do barão Haussmann, mas a metrópole contemporânea com prédios que permitam o convívio e a aproximação de seus moradores, sem apartheid social. Por isso, dois edifícios inaugurados em 1982, o Sesc Pompeia e o Centro Cultural São Paulo, foram escolhidos entre os oito espaços expositivos, além de outros nove da rede que a curadoria chama de “expandida”.

Organizada com o apoio de várias entidades pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, a bienal atraiu 181 arquitetos, meta de vindos de fora, para discutir o futuro das metrópoles e “despertar novas formas de consciência da cidade”, como diz o curador Guilherme Wisnik. Os

organizadores da mostra promoveram viagens exploratórias por estados como Pernambuco, Pará e regiões que mais se desenvolveram nos últimos anos para avaliar se o “espetáculo de crescimento” prometido pelo governo Lula não virou, antes um “crescimento do espetáculo” – que redundou em programas de habitação popular cuja miséria estética e uniformização arquitetônica certamente não irão passar incólumes nos debates da agora montada no Sesc Pompeia. Lá, serão discutidos projetos brasileiros e estrangeiros, como o de Detroit, centro da indústria automobilística americana transformado em grande pomar de subsistência após a crise de 2008.

“A ruptura de paradigma da bienal, de uma exposição de obras para fórum de discussão, tem, evidentemente, um sentido político, o da construção de uma nova sociedade”, justifica José Armênio de Bri-

to Cruz, presidente da seção paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), que há 40 anos promove a Bienal de Arquitetura no país, onde 100 mil arquitetos disputam um lugar ao sol. Megaeventos como a Copa do Mundo e seu impacto nas transformações urbanísticas serão discutidos durante a bienal, que dedica parte de seu programa ao debate sobre espaço público e ativismo, com especial atenção aos movimentos Occupy e Passe Livre. “Outro ponto importante é a exposição que mostra como a cidade é desenhada mais pelas leis do que pela intervenção dos arquitetos”, lembra Wisnik, prevendo um debate acirrado em plena discussão do Plano Diretor da cidade, revisado depois de dez anos.

O público e o privado ganham projeção no Masp, onde a produção dos anos 1960 e 1970, período de chumbo do regime militar, subverteu a or-

dem arquitetônica ao cruzar as duas esferas. Obras do arquiteto Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha, cassados pela ditadura, dialogam com instalações dos artistas plásticos Hélio Oiticica e Cildo Meireles, pioneiros em instalações que pediam a participação do público, diluindo a fronteira entre espaço público e doméstico.

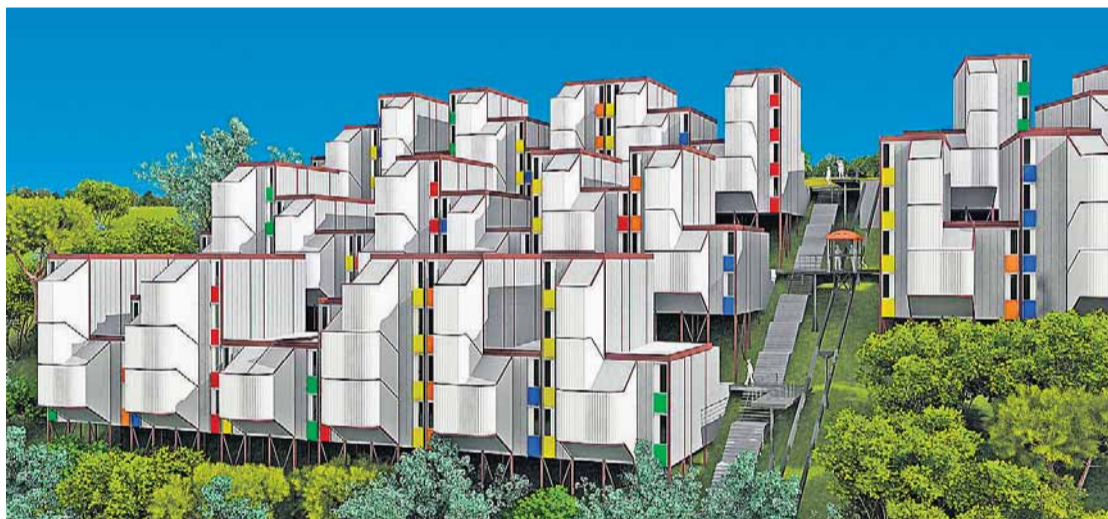
Outra exposição atraente é a do Museu da Casa Brasileira, que tem, entre vários projetos, o do premiado João Filgueiras Lima (Lelé) para a favela de Pernambues, em Salvador, além da Casa Bola, uma excêntrica habitação do arquiteto Eduardo Longo, que, entre 1974 e 1979, no auge da contracultura, imaginou um módulo habitável em forma de cápsula esférica, que encontra na arquitetura de Buckminster Fuller sua mais completa tradução. No museu também está a Casa Moriyama, que se integra ao espaço urbano como as casas das gravuras de Goeldi, em que os móveis ocupam a via pública, confundindo-a com o espaço privado. Na casa de Tóquio, o arquiteto Ryue Nishizawa radicalizou: até o banheiro dá para a rua e só tem uma cortina no box de vidro. Big Brother é isso.

A invasão do Brasil por firmas de arquitetura estrangeiras é outro item que será discutido na bienal. A curadora Lígia Nobre ficou impressionada com o número de gringos em Altamira, no Pará, o maior município em extensão territorial do mundo. E isso é só o começo.

## DELÍRIO E REALIDADE



Clone. Distrito-fantasma em Ordos, Mongólia: cópia ocidental



De luxe. Projeto de Lelé para a favela de Pernambues: um novo conceito de moradia popular



NA WEB

Galeria.

Veja imagens da Bienal

[estadao.com.br/e/bienalarquitetura](http://estadao.com.br/e/bienalarquitetura)

O Ministério da Cultura e a Cultura Artística apresentam

ORQUESTRA SINFÔNICA FINLANDESA DE LAHTI

OKKO KAMU Regência  
ELINA VÄHÄLÄ Violino

19 de outubro, 21h  
Sala São Paulo

Schumann Manfred (Abertura)  
Bruch Concerto para violino nº 1  
Sibelius Sinfonia nº 5

20 de outubro, 21h  
Sala São Paulo

Sibelius Cassazione  
Sibelius Concerto para violino  
Beethoven Sinfonia nº 4

COMBATTIMENTO CONSORT AMSTERDAM

QUIRINE VIERSEN  
Violoncelo

2 de novembro, 21h  
6 de novembro, 21h  
Sala São Paulo

Ingressos à venda a partir de 2 de outubro.

Mozart Divertimento, KV.251  
Haydn Concerto para violoncelo em dó maior  
Rameau Les Boréades (suíte)  
Haydn Sinfonia nº 44 (“Fúnebre”)

Ingressos à venda.

Datas e programação sujeitas a alterações.

Indicação etária: Livre.



Preço especial para estudantes com até 30 anos, 30 minutos antes do concerto: R\$ 10,00

4003 1212 ingresso rápido  
[ingresso.rapido.com.br](http://ingresso.rapido.com.br)  
Sujeito a taxa de comissão



ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA  
FUNDAÇÃO OSESP



GOVERNO DO ESTADO  
SÃO PAULO  
Secretaria de Cultura

CREDIT SUISSE

PATROCÍNIO

ESTADÃO

Cultura Artística

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA